

Invieta *Cine*

ANO X

N.º 171



CARMEN BONI

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^os



INVICTA-CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 171
PORTO
28 DE MAIO
1932

REDACTORES:

LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO

PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO

NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG

COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLYMPIA

apresenta na próxima segunda-feira o magistral
fono-filme francês de E. A. DUPONT. Formidável
evocação do célebre naufrágio do «TITANIC»

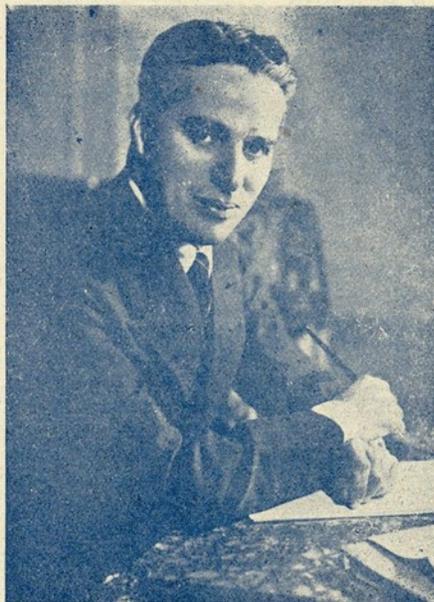
ATLANTIC

Um grande transatlântico onde viajam milhares de passageiros. A vida a bordo, alegre, descuidada, festiva, apesar das inquietações do comandante que prevê o pior. Depois o «iceberg», o choque, o naufrágio que desencadeia as mais baixas paixões humanas, desfiguradas pelo instinto de conservação. A água sobe apesar dos esforços sobre-humanos da tripulação. Os apêlos desesperados da T. S. F. O último S. O. S. lançado à navegação. A angústia do sinal de alarme... O pânico... um final indescritível e patético... SALVE-SE QUEM PUDER...

Charlie Chaplin

em

As Luzes da Cidade



Charlie Chaplin

Enfim, depois de dois anos de expectativa quasi ansiosa, *Luzes da Cidade*, o último filme de Chaplin, foi apresentado entre nós! Não sei bem como o público o recebeu. Demasiado atento ao filme para cuidar do público não pude ainda estudar as suas reacções, saber se os efeitos produzidos por *Luzes da Cidade*, fôram de entusiasmo, de indiferença ou de desapontamento. Talvez as três coisas, talvez nenhuma delas. O público, estuda-lo-ei quando voltar a vê o filme (estou escrevendo na noite de terça-feira, 24) e talvez dêsse estudo vos dê depois as minhas impressões ou aqui faça a êsse propósito alguns comentários. Hoje, será só de *Luzes da Cidade*, que me encantou de uma maneira absoluta, e de Chaplin, que se mantem o génio de há muito consagrado, que vos falarei e em termos rápidos.

É um êrro, um êrro muito grande (e só o fazem aquêles que não compreendem Charlot) incluir Charlie Chaplin na classe dos artistas cómicos do cinema. E eu não conheço nada de mais trágico, de mais patético, de mais pungente que um filme de Chaplin. *Luzes da Cidade*, então, é dos mais trágicos, dos mais cruéis. Mas nós rimo-nos... Sim, nós rimo-nos... mas rimo-nos justamente do ridículo desesperado dessa tragédia, nós rimo-nos da desgraça, da miséria dêsse vagabundo esfarrapado, de quem todos fazem troça, que passa fome, que todos escorraçam brutalmente; um ninguém, cujo tesouro é um grande coração, que ama e sofre, que a tudo se sujeita para levar um raiozinho de felicidade aquêla que êle ama com pureza da mais rara, um raiozinho de luz aquêles olhos... que felizmente para êle não o vêem... Nós rimo-nos com êsse vaso de água suja atirado à cara embevecida do mísero apaixonado; nós rimo-nos quando, sem o saber, a cega vai fazendo um grande novelo da camisola do pobre, essa camisola que êle vê desaparecer, triste por sentir a sua miséria acrescida, contente por ser por ela que mais uma vez se sacrifica; nós rimo-nos dos sôcos que êle apanha num desigual combate de box; nós rimo-nos da sua aflição quando o acusam dum roubo que não cometeu; mas êste riso é quasi convulsivo, é um riso que não alivia, porque diante dêsse desgraçado que sofre a sua miséria e sofre pelo amor que aninhou no seu coração sensível, êsse riso que soltamos vem vergastar-nos, vem fazer-nos sentir, cá muito dentro, as crueldades e as injustiças da vida. Em *Luzes da Cidade*, mais do que em *O Circo*, *A Quimera do Oiro*, *O Garoto*, ou *O Peregrino*, há uma vibração intensa que oprime e esmaga... fazendo rir. Eu nunca vi nada de comparável ao fim de *Luzes da Cidade*: o encontro dos dois quando ela já vê e pelo tacto o reconhece. Aquêla imagem final, que se apaga lentamente, do rôsto atormentado de Charlot, mais miserável, mais abatido pela desgraça do que nunca, êsse rôsto que se contrái num riso que é um ricto de desespero, amarfanha, sufoca pela angústia extrema que encerra!

Charlot é um símbolo. Representa o Homem esmagado pela Vida!

Os argumentos dos filmes de Chaplin são temas banais — mas na aparência. Porque dêsses temas singelissimos Chaplin extrai essência da mais rica e com êles constrôe obras de grandeza. E *Luzes da Cidade*, é mais um exemplo.

Deixem-me agora apontar-vos algumas passagens que merecem atenção especial. Reparem logo de entrada na maneira como é posta em ridiculo uma cerimonia official... e nêsse detalhe admirável é cheio de ironia em que Charlot, com o gládio duma das figuras do monumento, espetado

nas calças, procura prefilar-se em sentido, quando se ouve o hino, sem conseguir manter-se em posição vertical...

Reparem na expressão aflitiva de Charlot quando engole o apito e não pôde conter os involuntários assobios que os soluços lhe provocam (detalhe semelhante ao do coto de vela de *A Quimera do Oiro*, mas que aqui têm uma muito maior força cómico-dramática). Reparem na cena da visita à casa da cega, cheia de minúcias que são verdadeiras maravilhas. Reparem na cena da ponta do charutô quasi roubada a um pobre. Reparem sobretudo no fim, quando Charlot, há pouco saído da prisão, torturado, rôto, triste, depois de se livrar dos garôtos que o perseguem, depara com a florista, mais bela do que nunca... *mas que já vê*. Ele olha-a, e ao mesmo tempo que vai compreendendo que o seu pobre amor ruirá defeito pelo bem que êle próprio fêz, a rosa que segura numa das mãos desfolha-se lentamente, caíndo as pétalas uma a uma como caíram as suas ilusões, defeitas pela desgraça, pela fatalidade que pesa, que pesará eternamente sobre êle.

Oh! Chaplin faz rir... mas aponta sobretudo a miséria da vida, essa vida que êle, cobarde e fraco, suporta resignadamente sem uma tentativa de evasão, sem um gesto de revolta...

A L V E S C O S T A

NA CAPA:

A fulgurante "estrela" cinematográfica Carmen Boni, que na próxima semana veremos no cinema *Agua d'Ouro*, em "Rapaz ou Rapariga?" ao lado do grande cómico Armand Bernard.

DAVIDA CINEGRÁFICA

Outra época brilhante

A nova época cinematográfica 1932-33 vem ainda longe, no entanto, a Agência Cinematográfica H. da Costa, Limitada, a casa alugada que tem marcado em Portugal pela cuidadosa selecção dos seus filmes, prepara já a sua nova programação.

Eis o texto do telegrama que nos foi enviado por aquela importante firma:

« Pedimos fineza comunicarem vossos leitores que para temporada 1932-33 já temos adquiridos mais 3 filmes com Lilian Harvey, 3 com Anny Ondra, 3 com Kate de Nagy, 1 super de Fritz Lang e outro Pabst.

Vai ser outra temporada formidável Agenfilmes.»

Parabens Snr. H. da Costa. Cá esperamos com prazer, pelo menos, os filmes da nossa madrinha...

Uma grande tragédia

No boletim de informações que esta semana nos foi enviado pela M. G. M., deparamos com esta trágica notícia:

«A morte de «Woggles», o cão escocês de Joan Crawford, não só encheu de pesar a sua dona,

como as centenas de «fans» de tóda a parte que nestes últimos dias não têm cessado de enviar cartas, havendo já várias ofertas a registrar, de cães escoceses, a fim de substituir «Woggles».

Com os olhos marejados de lágrimas, apresentamos à distinta artista assim como à família do morto os nossos sentidos pêsames.

Os parasitas do sonoro

Um pequeno nada póde tornar-se uma enorme dificuldade nestas coisas de filmagem sonora.

Para prova disso basta dizer-se que Charlie Durien assistente de Jack Conway se viu ultimamente em sérios embaraços para uma pequena filmagem em *Red Headed Woman*.

Tornava-se necessário filmar um grande escritório, onde aparecia Jean Harlow, e onde trabalhavam uns dez estenógrafos.

Mas muitas experiências e tentativas foram necessárias antes de se conseguir averiguar a causa de uns singularísimos ruídos semelhantes a ladridos umas vezes e outras a tiros de peça, que se constavam ao passar as provas.

Veio a provar-se que se tratava nada mais nada menos do que do ruído pelo mastigar do «chewing-gum» inseparável de todos os empregados de escritório contratados na ocasião.

O último filme de Greta Garbo

Joe Bonomo, fortíssimo lutador e atleta, entra no novo filme de Greta Garbo, «As You Desire Me», interpretando o papel de um jardineiro italiano.

Esta película foi tirada da célebre peça de Luigi Pirandello, e é dirigida por Georg Fitzmaurice.

Do elenco fazem parte Eric Von Stroheim, Owen Moore, Mellvyn Douglas, etc.

Um artista de poucas palavras

O mais taciturno homem da Cinelândia é sem dúvida Lewis Stone, que, quando pronuncia mais de três ou quatro palavras nos intervalos das filmagens, fica assombrado e assombra tóda a gente por tamanho acesso de eloquência.

Nova parrelha

Em virtude do seu magnífico trabalho com Joan Crawford em *Letty Lynton* foi concedido a Robert Montgomery um dos mais importantes papéis da produção actual.

Trabalhará pela primeira vez ao lado de Marion Davies, no novo filme *Good Time Girl*, drama da vida moderna, que terá uma encenação espectacular e um dos mais formidáveis elencos do ano.

Será dirigido este filme por Edmund Goulding.

Trata-se de uma novela original de Frances Marion, que conta no seu activo outros argumentos interessantes entre os quais: *Ema — O Campeão — O Presídio*, etc.



Dolly Davis. Graciosa artista francesa que na próxima época nos aparecerá em o «Caíto das Nações»

O efeito da « sorte » na vida dos artistas

Desde a mais remota antiguidade, tem a boa ou a má sorte preocupado os planos e conjecturas da humanidade. Na velhíssima civilização hebraica, na dos assírios, babilônios e egípcios encontramos os argutos adivinhos e magos, homens que tinham o poder mais ou menos provável de conjurar os fados, e que, não raro, conseguiam interessar nas suas práticas até os próprios reinantes.

As histórias bíblicas, lendas e tradições de outros povos, aí estão, tôdas prenes da influência dos conjuradores do destino ou da sorte.

Os povos civilizaram-se, sim, mas no substracto das raças lá estão as antigas crendices, enraizadas na alma, tão vivas quanto estão.

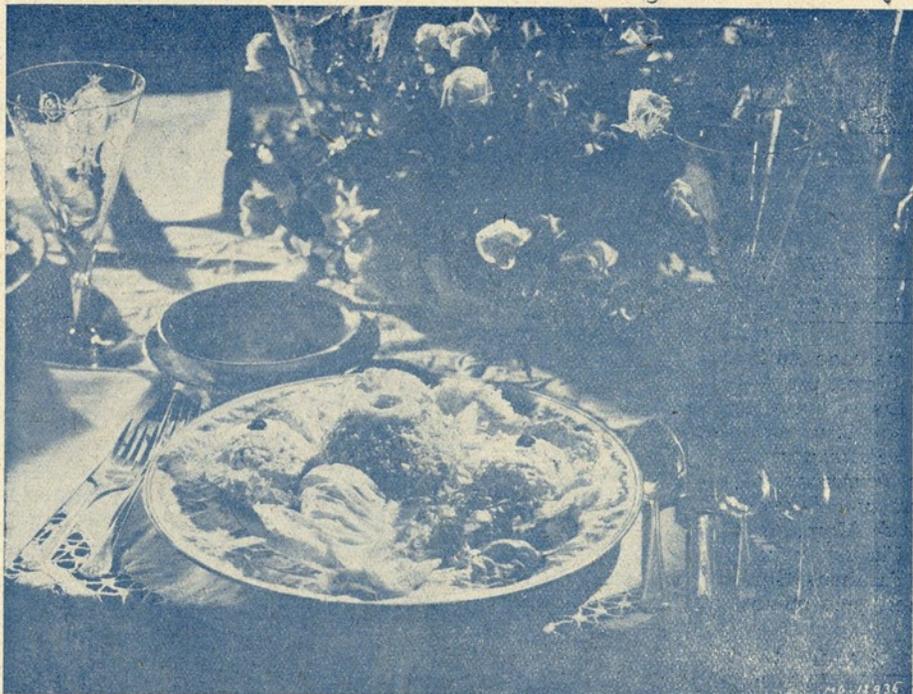
Isso vem provar a razão de ainda hoje, em pleno século do cinema e da televisão, dos aeroplanos e do raio X, haver esse temor característico à má sorte, mesmo entre as pessoas de um certo nível de cultura, como os artistas cinematográficos, por exemplo.

Na linguagem americana há uma frase que exprime precisamente os golpes de boa fortuna: «break». No falar corrente, «break» representa apenas uma das reflexões do verbo «quebrar», mas no calão das ruas quer dizer «quebrar», dobrar na direcção da boa sorte.

Segundo Tallulah Bankhead, o «break» pode muito bem ajudar ou iniciar a carreira de um artista, mas o mais difícil é em que a sorte pouco influe é manter-se no pináculo da celebridade depois de lá chegar. A boa sorte compara-se, como em mecânica, ao impulso inicial, depois do que se vem a carecer de força motriz para manter ou aumentar o movimento da máquina.

Miss Bankhead tira conclusões da sua própria vida para exemplificar as suas idéas. «No começo da minha carreira — explicou essa filha de banqueiros — precisei de ter sorte para provar a meus pais que podia, por mim mesma, fazer a vida no teatro. Fugindo de casa ainda jovem, não tive medo de nada. Estava disposta a vencer e hoje posso dizer que venci. Os meus primeiros anos de luta, no palco, foram amargos, mas eu não esmoreci jamais. Depois de obter algum êxito em Nova York, julguei que devia ir mais longe, onde fôsse de todo desconhecida, para aí agir com mais ânimo. Embarquei para Londres, contratada por uma companhia teatral. O modesto nome que hoje tenho, como actriz, veio-me das minhas representações na capital inglesa. A minha passagem das lides do palco para a telenha foi para mim uma simples consequência da minha grande vontade de vencer e do esforço que sempre desenvolvi para a satisfação dos meus ideais. E hoje, no cinema, trabalho com mais afinco do que nunca.

«O público cêdo se cansa de aplaudir um artista que pelo seu trabalho não revela progresso na sua arte» explicou Miss Bankhead. «Por isso, disse ela, eu acho que a sorte desempenha o seu importante papel no começo, mas daí por diante é o esforço conjugado com a inteligência e que mais significação tem na vida de um artista».



O almoço de Norma Shearer: uma salada composta de alface, salsa, ananaz, conservas doces e queijo fresco.

Miss Tallulah Bankhead, filha de uma das mais distintas famílias norte-americanas, fez-se famosa no palco inglês, onde a Paramount a foi contratar para a protagonista de *Casamento Singular*, a sua produção de estreia.

O novo filme de Miss Bankhead, *Thunder Below*, é um forte drama social e como tal oferece esplendida oportunidade artística à sua protagonista.

Sylvia Sidney foi uma revelação para todo o mundo

nova estrela e alguns jornais de cinema espalharam em torno uma carinha esquisita, de sorriso quasi oriental, olhos brilhantes, fechados em forma de amêndoas.

Ruas da Cidade revelou-a ao mundo. E que linda revelação! As revistas de cinema teceram-lhe palavras eloquentes. Sylvia Sidney atingira da noite para o dia a glória da popularidade que muitas levam anos para conquistar.

Para o ano vê-la-hemos em *Uma Tragédia Americana*, *Confissões de um jovem* e *Damas do Presídio*, trabalhos fortes, dignos da sua estreia.

Agora anuncia a Paramount a sua novíssima produção: *O Homem Miraculoso*, que há-de ser, pelo que dela esperamos, nova confirmação do seu grande talento.

Marlene Dietrich num filme de actualidade e de amor

Carreira meteórica a de Marlene Dietrich! *O Anjo Azul* revelou-a nos Estados Unidos depois da apologia que lhe tecera o director Josef Von Sternberg, seu colaborador artístico naquela produção.

Contratada pela Paramount sob a indicação de Sternberg, todo o mundo tinha a atenção voltada para Hollywood: esperavam todos por essa obra maravilhosa que Sternberg devia produzir com a esplendida estrela do *Anjo Azul* como protagonista. E essa ambição foi plenamente satisfeita com *Marrocos*.

(Conclue na última página).

Kate de Nagy, Portuguesa?

Quem é a simpática "estrela"
e a sua importância artística

Aqui há uns dias andei para aí todo alvoroçado à procura dum cavalheiro que havia de me fornecer certos elementos, com os quais eu provaria que a Kate de Nagy era nem mais nem menos de nacionalidade portuguesa.

E enquanto aguardava a oportunidade de achar quem me facilitaria uma reportagem sensacional, eu ia conjecturando sobre as probabilidades da bela Ronny ser uma mulher nascida aqui, mesmo ao pé de nós, ser enfim uma portuguezinha valente a triunfar em toda a linha — fotogénica — internacional. E cá para mim, com os meus botões, pensava naqueles cabelos escuros, naquele conjunto fisionómico tão gracioso e dizia que tudo aquilo era « produção » nacional. C'o a breca! Ela tem uma requintada figura de mulher portuguesa!... E andei assim uns dias a meditar na figura esbelta da sedutora morena e presumida portuguezinha. Pronto: para mim, a Kate von Nagy já era minha compatriota.

Com que prazer eu alentava este segredo, só para mim — até ao dia em que tivesse de revelá-lo, triunfante, a todos vós! Então sim; isso seria um verdadeiro sucesso.

Um dia, enquanto esperava a « mise au point » do assunto, da revelação, não me contive e espertei, muito em sigilo, a um camarada cá da casa, a futura novidade de truz. Isto, quasi à queima roupa, sem mais preâmbulos deixou-o de principio abstracto e confuso.

E eu prossegui: « ela tem uns primos na Foz com quem se corresponde. Você está a vêr. Logo

sou apresentado a um deles, e vou constatar o facto, para não haver quaisquer dúvidas. »

Convenci-o também e o meu camarada já via por fim na intérprete de *A Loucura de Monte Carlo*, traços retintamente nacionais — portuguesissimos.

Passaram umas horas. Fômos ao cinema e de regresso ia pôr a limpo a história da nacionalidade de Kate. Lá estava o amigo que me apresentaria à família da « estrela. »

Aproximei-me dele entusiasmado... para recuar desiludido. O sucesso desvaneceu-se, como que fulminado por um raio, com estas terríveis e abomináveis palavras:

— Afinal, eu enganei-me.

Queria referir-me à Hellène d'Algy e não à Kate de Nagy. E' aquela que tem cá uns primos e não a Ronny. Mas se você quiser, eu apresento-o na mesma.

Ora bolas! exclamei desapontado e nem quis ouvir mais...

Vim para casa e agarrei-me ao arquivo cinematográfico, indagando da nacionalidade da rapariga. Lá estava numa revista: Nasceu em Budapeste no ano de 1908. Tem portanto 24 anos de idade.

Debutou no teatro, na capital da Hungria. Enquanto o cinema foi mudo — mudo mas não menos eloquente — andou semi-apagada, por várias películas. Era quasi uma figurante. A sua figura recortava-se já com elegância e atracção, entre todas as de segundo plano, mas perdia-se logo ao apagar das imagens na confusão do número dos comparsas. Só as primeiras artistas ficavam mais ou menos à superfície da ideia, da recordação do que vira. Ela esquecia.

Lembramo-nos dum filme que a trouxe num papel primordial e salvo êrro, foi esse que a lançou no nosso meio, *Os Fugitivos*. Era uma historiazinha de amor um pouco vulgar, mas duma interpretação bem notável da sua parte.

O filme falado deu-no-la mais simpática e atraente, mais sedutora do que nunca.

Um encanto delicado, uma voz tédida e acariciadora. Cada palavra de trato é um som melodioso a enebriar-nos o ouvido, a deliciar-nos o espirito.

E enquanto os nossos olhos « lambem » gulosos essa imagem tão galante de mulher, percorre-nos todo o ser uma satisfação extraordinária — a de ver materializada uma mulher dos nossos sonhos.

O cinema, inexgotável fonte de ensino e diversão, concede-nos ainda essa faculdade de poder olhar na realidade do écran, os devaneios da nossa imaginação e os castelos levantados nas preocupações do sono.

Kate de Nagy, simboliza para nós e para tantos outros, uma dessas mulheres concebidas nos momentos de abstracção espiritual.

Emparelha nesse dominio com Lilian Harvey, formando um duo delicioso de loira e morena. Aquela, a nossa madrinha, mais espiritual e subtil, aerea como os seus doirados cabelos.



Kate de Nagy

(Conclue na última página)

A propósito do encantador fonofilme

RAPAZ OU RAPARIGA?

que a "Agencia Cinematográfica H. da Costa" apresenta
na próxima segunda-feira no Cinema Aguia d'Ouro

«Para aquêles que se interessam pelos filmes mudos, esta encantadora comédia não é desconhecida, pois devem lembrar-se que Augusto Genina já a realizara há muito tempo com Carmen Boni como principal intérprete.

Desta vez esta jovem e linda artista adiciona ao encanto de suas maneiras o encanto de sua voz clara e cantante, tornada graciosíssima em virtude do seu acentozinho estrangeiro. Armand Bernard é extraordinário no seu papel de administrador, fazendo-nos rir a valer com a sua magnífica interpretação.

«Não há uma única situação cômica de que êle não tire partido duma maneira perfeita.»

Assim se referiu ao belo fonofilme «Rapaz ou Rapariga?» o nosso correspondente em Paris, Géo Poirier, quando da exibição desta produção na capital francesa.

De facto, esta linda película de Genina, pôde considerar-se uma das mais finas comédias apresentadas ultimamente em Portugal, estreando-se em 9 do corrente mês no Tivoli, de Lisboa, onde se conservou em exibição durante 15 dias, exgotando quasi diariamente a lotação daquele elegante cinema da capital.

Além do franco aplauso do público, toda a imprensa de Lisboa teceu as mais encomiásticas referências a «Rapaz ou Rapariga?» não regateando elogios a Augusto Genina, o conhecido realizador

de «O Prémio de Beleza» e «Amores da Meia Noite» exibidos há tempos. Eis a crítica de um dos nossos mais ilustres colegas:

«Com êste mesmo titulo e o mesmo assunto da comédia de Hugo Falena, com Carmen Boni também em protagonista, já as nossas plateias admiraram, com enlêvo e aprêço, um primoroso filme silencioso de Augusto Genina, cuja pericia directiva volta a colher merecidos louvores com a realização dêste delicado e excelente fonofilme francês. O facto, porém, de cenarizar a mesma anedota não deve comportar para ninguém um motivo de desinterêsse. Pelo contrário, essa circunstância, que só pôde suscitar um confronto de melhoria de execução, entre a versão muda e a falada, oferece-nos o ensejo de admirar uma supremacia de efeitos, de equilibrio e de conjunto, que a todos será grato constatar, por constituir um vivo documento da evolução técnica de Augusto Genina, que nesta obra supera o desenho subtil das personagens, concedendo-lhes um sentido dinâmico justo e inteligente. E depois, que suavidade, que ternura e que encanto promanam das suas deliciosas imagens, que nos divertem e comovem, seduzem e encantam!

A plateia riu com freqüência, sublinhando a encantadora seqüência das situações, cheias de graça, de espirito e de frescura.»



Um imperador morreu... e por causa disso, numa distância de muitas milhas, a roda da fortuna conduziu um homem à fama no mundo cinematográfico. Um palhaço de circo ensinou a um treinador de elefantes alguns passos de dança e dêste modo lançou-o na carreira que o fez um dos maiores astros cinematográficos da actualidade.

Uma jovem muito tímida que trabalhava como *extra*, teve um ataque de tosse no momento em que o director explicava uma cena... e a jovem ruborizou-se toda quando o director olhou para ela. Esta foi a causa pela qual a jovem figurante é uma das «estrelas» mais famosas de hoje em dia.

O que acima escrevemos não é fábula. São factos reais que aconteceram na vida e na carreira de Lewis Stone, Wallace Beery e Norma Shearer. Muitos outros artistas famosos podem relatar incidentes semelhantes.

Algumas destas histórias são como o canto dos gansos que cacarejaram e salvaram Roma, ou a fábula do leão e do rato. Em muitos casos, famosas celebridades devem o brilho dos seus nomes a um acidente trivial que, sem importância na ocasião, virou completamente o lado da sua vida.

Por exemplo, aqui temos a história do imperador que com o seu falecimento, fez com que um homem, a quem já mais havia visto, se dedicasse ao cinema.

Lewis Stone era um jovem oficial que, ao terminar a guerra da independência de Cuba, estava a ponto de dar baixa do serviço militar. Por esta razão estava procurando emprego em Los Angeles, onde tinha trabalhado numa companhia de *tournee* antes de entrar na tropa.

Perto do histórico Hotel Alexandra, Stone encontrou-se com o general Homer Leo, o brilhante estrategista e figura meteórica na política internacional, que estava então contratando oficiais da reserva do exército americano para instruir o exército chinês. O jovem imperador da China solicitava militares americanos para instruir o seu exército nos métodos modernos. Oferecia grandes ordenados. Stone aceitou imediatamente a nomeação de major na cavalaria chinesa.

Pouco depois o imperador faleceu. A imperatriz mãe não acreditava nos exércitos modernos. Que necessidade tinha de ter *Fan Quai* (diabos estrangeiros) como instrutores para ensinar aos oficiais chineses novos *trucs*?

Foi assim que Stone teve de deixar o exército chinês e procurar trabalho como actor. A nova indústria cinematográfica atraiu-o...

Quem sabe? Se o imperador tivesse vivido, talvez Lewis Stone fôsse hoje o general Lew Yip Stone, comandante em chefe do exército chinês...

Wallace Beery é presentemente um famoso astro. O seu nome em letras luminosas na fachada dos cinemas é um íman para o público.

Retrocedamos alguns anos na vida de Wally.

Um certo treinador de elefantes, alto e delgado, apreciava um palhaço a ensinar certos passos de dança na serragem.

— «Necessita-se ser muito ágil para se dansar êste sapateado?» — observou o treinador com ar meditativo.
— «Oh, não sei, quere experimentar?» — sugeriu o palhaço.

Então explicou ao treinador a técnica do sapateado e êste descobriu que com um pouco de prática não era assim tão difícil.

O treinador de elefantes era Wallace Beery. Quando terminaram as funções do circo, Wally era já um hábil bailarino e arranjou para trabalhar numa companhia musical. Mais tarde desempenhou alguns papéis, entre êles o de criada suêca numa comédia da velha companhia *Essenay*.

Agora temos Norma Shearer. Norma era uma jovem muito tímida, do Canadá, que trabalhava como *extra* numa película. O director estava dando algumas explicações a um grupo de jovens quando Norma o interrompeu com um ataque de tosse.

A roda da fortuna tem favorecido muitos dos artistas cinematográficos

O director olhou-a. A seguir deu-lhe um pequeno papel num filme — e ela desempenhou-o o melhor que pôde — e actualmente reina como

«estrela» de inúmeras produções notáveis.

John Barrymore teve que ser despedido antes de encaminhar os seus passos para o cinema. Não queria ser actor; como o resto de sua família, desejava seguir outra carreira. Conseguiu um emprego no departamento artístico do *New York Journal*, onde ficou encarregado de ilustrar uma página inteira da edição de domingo. Mas John não era pontual. Uma certa vez entregou o seu trabalho tão tarde que foi necessário pagar extraordinário ao pessoal do departamento que teve de ficar até mais tarde que de costume. O director mandou-o chamar ao gabinete:

— «John, — disse o director — julgo que és demasiado hábil para êste serviço. Deves seguir a carreira de actor como teu pai, tio e irmão e, além disso estás despedido dêste jornal».

Então John foi trabalhar para o teatro e depois para o cinema.

Buster Keaton entrou no cinema por intermédio de Roscoe Arbuckle. Na época em que «Faty» era dançarino cómico encontrou-se com Buster Keaton. Tornaram-se bons amigos. Arbuckle tinha uma bicicleta e Buster, procurando montá-la, deu uma queda terrível, sem contudo se magoar. Alguns anos mais tarde, quando Arbuckle estava no apogeu da sua carreira, a família Keaton chegou à Califórnia.

— «Este é o homem que eu quero ver — disse Arbuckle. — Quero que você caia outra vez da bicicleta como fez na primeira vez que o encontrei».

Buster caiu da bicicleta... e em pouco tempo era um dos astros cómicos do firmamento cinematográfico.

Ramon Novarro trabalhou como «extra», carregador de bandejas nos restaurantes, cantor nos cafés noturnos... enfim em qualquer coisa que pudesse ganhar alguns dólares quando chegou aos Estados Unidos. Um amigo disse-lhe que Ferdinand Pinney Earle estava procurando um actor do seu tipo para um certo filme. Novarro foi averiguar a respeito.

«E' como uma loteria,» disse-lhe o produtor.

«Não temos dinheiro para pagar aos artistas, mas se o filme tiver êxito, pagaremos, de contrário, não. Se lhe convém esta proposta está muito bem.»

Novarro aceitou.

O filme foi *Omar Kayyam*. Não tiraram muitos lucros... mas Rex Ingram viu-o... Isto levou Ramon Novarro a aparecer em *O Prisioneiro de Zenda*... e à sua imediata ascensão ao firmamento estrelado. Foi como se êle tivesse ganho a sorte grande na loteria.

Reginald Denny era amador de box na sua juventude. Quando os dramas escasseavam, recorria ao box para ganhar a vida. Durante a guerra foi campeão de box das forças aéreas inglesas. Depois de terminada a conflagração européa, estava um dia em Nova York conversando com outro actor inglês.

— «A propósito, disse-lhe o outro, — você sabe jogar o box, não é verdade? Um tal Harry Pollard anda à procura de actor que seja ao mesmo tempo um bom *boxeur*».

Denny foi procurar Harry Pollard. Parece que êste tinha comprado a série de histórias *Leather Pusher* e Carl Laemmle queria filmá-las se descobrisse um verdadeiro actor que soubesse jogar o box de modo eficaz, já que em quasi todos os episódios das ditas histórias havia cenas de pugilato.

Reginald Denny começou em *The Leather Pusher* e tornou-se tão popular que em pouco tempo lhe deram papeis de protagonista em muitos outros filmes. Mais tarde foi contratado pela Metro-Goldwyn-Mayer onde trabalhou em *Madame Satan* e outros filmes famosos. Actualmente está pensando em se tornar director.

Afinal de contas, a distância é curta da fábula para a realidade...



David Rullins
«astro» da Fox-Film

Cinema Educativo

Já aqui, nas colunas desta revista, por mais de uma vez, me referi a tão magno problema, encarando-o em alguns dos seus múltiplos aspectos. Mas nunca é demais debatê-lo...

Acabo de ler o relatório do último «Congresso Nacional do Cinema Educativo», realizado em Paris, de veras interessante em todos os conceitos que encerra. Esse relatório foi elaborado, em finalidade de conclusões, à face dos depoimentos de bastantes professores — algumas centenas — e todos êles de grande autoridade. Toda a discussão versava sôbre o cinema como meio de instrução e educação.

O cinema apresenta-se a êsses professores como o arauto duma pedagogia nova, tanto em processos como em resultados. Mas, para isso, os filmes requerem uma estrutura e uma técnica apropriada, para lhes ser reconhecida uma absoluta importância didática e para que o poderio da sua dinâmica não se faça sentir de qualquer particularidade contraproducente ou de efeitos opostos: reconhecido o seu papel de preponderância e influência uma distração podia trazer tanto de malefícios como de aproveitamentos.

A lição, com o cinema, ganha outra vitalidade com uma expressão directa, poderosa, convincente — é a vida em movimento! — auxiliada com grandeza, com a autoridade irrefutável das imagens.

E' o ensino pelo aspecto que dá às teorias formas vivas, em todos os seus caracteres internos e externos.

O filme suscita interêsse, prende, emociona, desperta a curiosidade, toma a atenção e assegura,

portanto, a aquisição de conhecimentos precisos e duradouros, de tão melhores resultados quanto de mais belo êle possuir.

Uma outra particularidade é encarada no relatório, com bastante critério: — que o filme só por si não basta; não deve ter uma função independente; requer a palavra do mestre, para completar os seus fins, para aclarar as suas passagens, comentar os seus problemas, frisar os seus assuntos, tornando-o, desta maneira, mais proveitoso, mais convincente.

A geografia e as ciências são as matérias em que o cinema pôde obter a sua preponderância didática...

E de conclusão em conclusão o cinema teve uma apologia incontestável e foram elaboradas bases em que devia assentar a cinematografia escolar, que deram origem a um circunstanciado relatório, que foi entregue ao Ministro da Instrução, recomendando, entre muitos, os seguintes alvites: — que as autoridades escolares organizem sessões técnicas e pedagógicas, não só de cinema escolar mas também post-escolar, acompanhadas de conferências cujo fundo de dissertação seja a «utilidade do cinema no ensino».

Aplaudimos e regozijámo-nos pelo interêsse com que a cinematografia está sendo olhada pelos mestres e educadores, ampliando-lhe, assim, cada vez mais, as suas possibilidades de expansão e utilitarismo.

T O M A Z D ' A L E N C A R A .



Um super-filme de aventuras misteriosas da

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{da}

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

Estreiou-se, há dias, em Paris, o filme policial «Fantomas». Esta produção é exibida brevemente em Portugal.

A «Metro» adquiriu os direitos de filmagem da peça de Henry Bataille *La Tendresse*.

Virginia Bruce, a encantadora loirinha do tablado e do écran, será a nova «leading lady» de John Gilbert no filme *Downstairs*. Esta produção será dirigida por Monta Bell.

Pièrre Colombier, vai dirigir para a «Pathé Natan» o fonofilme *La nuit défendue*, original de Louis Verneuil. Os principais papéis serão interpretados por Elvire Popesco e René LeFebvre.

No novo filme de Buster Keaton (Pamplinas), *Speak Easily*, dirigido por Edward Sedgwich, trabalham também: Jimmy Durante, Ruth Selwyn, Lawrence Grant, Sidney Toler, Henry Armetta e Hedda Hopper.

Embrassez-moi, o próximo filme que será interpretado pelo famoso Milton e dirigido por Léon Matnot, terá como «estrêla» a formosa Jeanne Helbling.

Lionel Barrymore já começou o seu trabalho no novo filme da «M. G. M.» intitulado *Vida Pública*. Esta produção que é baseada em *A Garra*, de Bernstein, é dirigida por Carlos Brabin.

Estiveram em Lisboa os Srs. Jean-Denis Ricard e Rudolf

Schultz figuras preponderantes da *Tobis*, afim de tratar da magna questão da aparelhagem do nosso estúdio de fonofilmes.

Henry Stephenson, actor teatral de grande mérito, também faz parte do «cast» do novo filme *Red Headed Woman*, dirigido por Jack Conway.

Enlevez-moi, é o título do filme que Léonce Perret vai dirigir.

Após a exibição da encantadora comédia *Rapaz ou Rapariga?* o cinema Aguia de Ouro, apresenta o super fonofilme de Joe May *Dois num Automóvel*, com Duvallés, Annabella e Jean Murat. *Dois num automóvel*, foi uma das produções que ultimamente maior êxito obteve em Lisboa.

Nos estúdios de Billancourt, Tourjansky, terminou o filme *Hotel dos Estudantes*.

Constance Cummings e Pat O'Brien, desempenham os principais papéis de *Faith*. Esta película é editada pela «Columbia» e dirigida por Frank Capra.

Marcel L'Herbier, iniciará em breve a filmagem de *La Haine qui meurt*.

Buster Keaton (Pamplinas), deve ter começado a trabalhar em *Footlights*. Trata-se de uma hilariante história de um professor de liceu que recebe uma herança e que experimenta lançar-se como actor teatral. Keaton apresenta o papel de professor.



Esther Ralston, que chegou a Londres para trabalhar num teatro de variedades, solicitou das autoridades policiais protecção para sua filhinha Mary, que a acompanha na «tournée» que a artista vem realizando há cerca dum ano. A actriz justificou este pedido, alegando que o seu bebé tivera sempre protecção policial nestes últimos tempos e que, nos Estados-Unidos, os quartos dos meninos, se não estavam sob custódia das autoridades, tinham as suas janelas defendidas por fortes grades de ferro.

Um novo par que desponta

Poucas têm sido as duplas que conseguem triunfar. Muito raramente se pôde constatar uma junção de dois artistas, de sexos diferentes, que consigam reunir a simpatia geral. Até à actualidade unicamente o par Janet Gaynor — Charles Farrel, consegue usufruir uma enorme popularidade.

Os artistas *mascoles* da «Fox», não obstante nem sempre apresentarem um trabalho superior, mórmente no sonóro, vêem sempre a sua acção olhada com verdadeira simpatia por todos os cinéfilos do mundo. Os geniais protagonistas da «Hora Suprema», que fôram descobertos pelo grande realizador Frank Borsage, justificaram até ao máximo as esperanças do homem que os conseguiu apresentár. O sonóro têm sido fértil em junções, que caso fôsem verdadeiramente aproveitadas e dirigidas com inteligência, triunfariam incontestavelmente. Maurice Chevalier e Jeannete MacDonald são um exemplo flagrante. Este simpático «duo» que tantas recordações deixou a quando a exhibição da «Parada do Amor», nunca mais foi apresentado num novo filme.

O eterno e irritante comercialismo dos *yankees* não o permite. Unicamente, na próxima época teremos ocasião de os vêr em «Uma hora contigo». Na Europa o par mais popular é, sem sombra de dúvida, o formado por Lilian Harvey e Henry Garat. Pena é que o galã francês nem sempre produza um trabalho regular e digno de compareir com a estonteante estrêla inglesa. Além dêstes que nós enumeramos, existiram alguns pares episódicos, que muitas vezes falharam pela má direcção e pelos argumentos banalíssimos que lhes distribuíram.

No firmamento americano desponta um novo par que segundo dizem é capaz de usurpar a simpatia que agora disfrutam Gaynor e Farrel. E caso curioso, esta junção é apresentada pela mesma pessoa que descobriu os talentosos artistas do «Anjo da rua». Sally Eillers e James Dunn nêstes seus primeiros filmes dão pelo menos a indicação que dentro em breve serão o par mais popular da Norte América. James Dunn, que para nós é totalmente desconhecido, entrou para o teatro depois de vêr falhar tôdas as tentativas feitas por êle para triunfar na vida comercial. A princípio variou de companhias e de papéis, sem encontrar uma orientação certa, que lhe proporcionasse a grande oportunidade de demonstrar o seu real valor. Sendo um rapaz alegre, optimista, duma simpatia irradiante, sem os gestos estudados dos galãs românticos, êle têm um tipo cheio de realismo, dêstes que nos dão a impressão de que já os conhecemos, tal é a frequência com que

os encontrámos no seio da multidão. James é uma figura que não esquece, digámos destas que são capazes de mobilizar durante muito tempo as preferências do público, sem produzir enfado. Quando foi contractado pela *Fox* êle iniciou os trabalhos de filmagem de *Depois do Casamento* e declarou que estava realizando um sonho que julgára irrealizável, pois nunca acreditou que viesse algum dia a ser um «astro» na constelação cinegráfica.

Sally Eillers, nasceu em Nova York, tendo ido para Hollywood ainda com pouca idade. Viveu sempre em volta dos estúdios e já nova tinha excelentes relações no meio cinematográfico.

Um dia, visitando o estúdio de Mac Sennett, em companhia de Carol Lombard, conseguiu chamar a atenção daquele produtor.

Sennett estava procurando uma substituta para Alice Day, que o abandonou depois de uma discussão provocada pela sua recusa em usar calças de homem num filme. Sally declarou-se disposta a usar as calças e substituiu Alice com vantagem em *The Goodbye Kiss*.

Por êste incidente se pôde vêr que os mais pequeninos nadas, podem ter interferência na vida dos artistas.

Mais tarde Sally casou-se com Hoot Gibson. Depois de ter entrado em vários filmes da *Metro* entre êles *Pamplinas de Pijama*, que ainda há pouco tempo tivemos ocasião de vêr, ela passou para a *Fox*, aonde teve ensejo para mostrar os seus excepcionais dotes artísticos que permitirão dentro em breve a sua rápida subida à categoria de «estrêla».

Este pequenino corpo de mulher, frágil mas nervoso, é capaz de saber viver os mais difíceis papéis, e saber encarnar os mais descontraídos temperamentos. Está ali uma indicação segura, para o nosso público, de um trabalho brilhante. Os norte-americanos já se vão habituando a admirar aquela delicada «silhouette» e o público português dentro em breve inscreverá o seu nome na lista das «estrêlas» preferidas. Este par pleno de mocidade e de vida já interpretou para a *Fox* os seguintes filmes *Bad Girl*, *Over the Hill* e *Dance Team* e após a sua exhibição em Portugal os nossos leitores terão ocasião de vêr que as nossas palavras não são exageradas.

J A T

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES
346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2680

JUNHO

14

TERÇA-FEIRA

Grandiosa «matinée» no Cinema Aguia d'Ouro,
promovida pela «Invicta Cine» a favor da
Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal.

Da Vida Cinegráfica Kate de Nagy, Portuguesa?

(Conclusão)

(Conclusão)

Mas a trajectória da feliz estrêla não devia parar ali: a seguir tivemos notícia de que Sternberg ia dirigi-la num grande filme de espionagem, que, mais tarde se chamou «Fatalidade (X 27)». Fôram dois trabalhos dignos um do outro, se bem que focalizando assuntos tão dispares.

O desejo do grande público não tem limites. Todos queriam vêr até onde podia chegar a seductiva personalidade de Marlène. Foi quando então se anunciou o nome do próximo filme — *Shanghai Express*, ainda sôb a direcção Josef von Sternberg. Desta vez iriamos ver a estrêla de *Anjo Azul* e *Marrocos* não como espiã austríaca, nem como bailarina de café-concôrto, nem como a seductora artista de variedades daquele filme de Jannings, mas, sim, numa nova concepção cinematográfica: como estranha dama do destino, passageira no expresso de Pekim a Changai. Seria seu galã o simpático actor Clive Brook.

Decorrido o tempo necessário, veiu à luz o filme em plena época do ataque japonês contra aquela cidade chinesa. Mera obra do acaso, sim, mas acaso que deu ao filme uma actualidade sem nome. E depois, era ainda um filme de Marlène.

Uma Certa Mulher é a história dessa *camélia do oriente*, bizarra e seductora, que passa com um sorriso nos lábios e um grande mistério na vida por dentro do caleidoscópico turbulento da China revolucionária e inquieta.

No filme está tôda a pujança directiva de Sternberg e esse capítulo de amor que se interrompe e e recomeça entre a *Lilly* de Changai e o Capitão Harvy, que por ela quasi perde a vida.

Victor Jonson, dirige para a UFA um filme com música de Franz Lehar, intitulado *Era uma vez uma valsa*.

O realizador hungaro Von Bolvary terminou a película *Uma canção, um beijo e uma mulher*.

Creighton Chaney, filho do falecido Lon Chaney, trabalha presentemente nos estúdios da «Rádio». Ultimamente interpretou um pequeno papel em *A Ave do Paraíso*.

Esta mais material, mais «sex-appeal», tão tentadora como o ébano da sua cabeleira. Na outra, há os olhos claros que aliviam o pensamento. Nesta, há as pupilas negras a prometer delicias...

No crescendo de sedução que se nota de filme em filme, Kate de Nagy vem marcando um lugar de superior destaque, entre as vedetas do cinema europeu. Em cada novo trabalho seu, encontramos qualidades mais patentes e preciosas. Cada filme uma vitória. Lembrem-se de *A Loucura de Monte Carlo* e da cativante rainha de Pontenero; de *A Princesa Encantadora* e da jovem e garrida Ronny; de *Um Homem Feliz* e da apaixonada milionária; apenas descortinamos uma palavra para classificar a beleza da sua acção — irresistível.

Três filmes apenas, consagraram-na no domínio das plateias, impondo-a como uma das mais diletas artistas de hoje.

Esta graciosíssima hungara foi intérprete da versão alemã de *As Ordens de Vossa Alteza* que vimos o ano passado com Lilian Harvey, em francês.

É uma excelente desportista, praticando com frequência a esgrima, a natação e a equitação, desportos que lhe dão essa suprema elegância que lhe conhecemos e que rivaliza, apesar das características de cada uma, com a de Norma Shearer.

Kate não é de Portugal, mas tem um tipo preciso de mulher portuguesa. Lá isso é que tem. E não procurem tirar-me tal de cabeça!...

J . A L V E S D A C U N H A .

Consta que a encantadora Lilian Harvey será contratada pela «Fox Film».

Richard Barthelmess trabalha no filme *Cabin in the cotton*.

Encontra-se em Paris o realizador americano Clarence Brown.

Pola Negri encontra-se presentemente trabalhando nos teatros americanos.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
||||| pelas Ex.ªª Empresas dos Cinemas: |||||

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 4 de Junho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 2 de Junho ou 4 de Junho de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 4 de Junho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste B O N U S, não têm direito a entrada gratuita.

Agua d'Ouro

apresenta na próxima segunda-feira
a deliciosa comédia francesa realizada
por AUGUSTO GENINA

RAPAZ OU RAPARIGA?

um filme onde as imagens,
a música e o diálogo compõem
a mais encantadora harmonia.
Interpretação primorosa de Car-
men Boni, Armand Bernard,
André Dubosc, etc.

PROGRAMA DA

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

Apresenta brevemente no
cinema Condes, de Lisboa

O grandioso super-filme da aviação

ANJOS DO INFERNO

Formidável produção americana que nos reconstitue
a guerra aérea dum forma prodigiosa

Interpretação primorosa de
Jean Harlow e Ben Lyon